



**LIA ZATZ**  
**GRAÇA ABREU**

---

**De onde tudo surgiu e  
como tudo começou  
(tudo, tudo mesmo!)**

ILUSTRAÇÕES MARÍA WERNICKE

---

**PROJETO DE LEITURA**

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

---

# De leitores e asas

---

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”*



**N**uma primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, decepção por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

---

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.



## DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

### **UM POUCO SOBRE O AUTOR**

Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

### **RESENHA**

Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

### **COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA**

Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

### **PROPOSTAS DE ATIVIDADES**

#### **a) antes da leitura**

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

## **b) durante a leitura**

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

## **c) depois da leitura**

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.



## **LEIA MAIS...**

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

# De onde tudo surgiu e como tudo começou (tudo, tudo mesmo!)

---

LIA ZATZ  
GRAÇA ABREU



## UM POUCO SOBRE AS AUTORAS

Lia Zatz nasceu em São Paulo, em 1952. É licenciada em Filosofia pela Universidade de Paris X-Nanterre e pós-graduada em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Adora escrever livros para crianças, mas, para ganhar a vida, também trabalha com edição, editoração, revisão, tradução e outras coisinhas mais.

Desde 1984 tem publicado livros infantis e juvenis e desenvolvido projetos de incentivo à leitura para crianças e jovens de baixa renda. Recebeu o prêmio APCA de melhor autor de literatura infantil, já fez parte do catálogo oficial da Biblioteca Internacional de Munique, recebeu menção no Prêmio Espace Enfants (Suíça) e o selo Altamente Recomendável (FNLIJ) por várias obras.

Graça Abreu nasceu em Portugal, em 1942, numa pequena aldeia às margens do rio Tejo, onde morou e estudou até vir para o Brasil, em 1954.

Curso o ginásio em São Paulo, numa época em que ainda havia exame de admissão. Depois frequentou os cursos Clássico e Normal,

simultaneamente. Mais tarde formou-se em Letras Clássicas e Inglês pela PUC-SP, onde também concluiu a pós-graduação. Ainda na PUC-SP, trabalhou por muitos e muitos anos, ministrando aulas de Literatura Infantojuvenil, Brasileira e Portuguesa para o curso de Letras.

Por um breve tempo foi editora de livros juvenis e atualmente atua como assessora de Língua Portuguesa. Seu passatempo preferido é a leitura, mas agora experimenta outra relação com o livro: a de escritora.

## RESENHA

Ora, vocês então não sabiam que o mundo inteiro e quase tudo o que tem nele surgiu por causa de um ganso que cansou de ficar nadando com o traseiro molhado, sem ter jeito de se secar? Verdade, verdadeira, verdadeiríssima. E que o tucano tem bico longo porque é linguarudo, e o gambá exala aquele fedor horrível porque é mentiroso? Que os morcegos descendem dos filhotes banidos de um rato que se engraçou com uma andorinha? Que os peixes tinham patas e peixeavam por aí antes de ir morar no mar? Que todas as línguas do mundo surgiram por causa de uma vingança perversa do chefe dos saguis? Que a girafa um dia já sofreu por causa do seu pescoço curto, e que o coelho nem sempre foi um bichinho tão fofinho e inocente assim? Nessa divertida obra, Lia Zatz e Graça Abreu propõem soluções para esses e outros cabeludos “comos” e “por quês” nos presenteando com essas e outras verdades inventadas.

## COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Nesse divertido livro, Lia Zatz e Graça Abreu apropriam-se da estrutura dos contos etiológicos e lendas tradicionais para criar explicações das mais imaginativas para fatos intrigantes desde a criação do universo e a existência de múltiplas línguas – até a razão de ser do enorme bico do tucano, do pescoço longo da girafa e das orelhas compridas do coelho. Ora, já que é impossível desvendar todos os “comos” e “por quês” do mundo, por que não inventar as próprias respostas? O tom dos contos varia muito, desde o absurdo e o *nonsense* até o humor negro, passando pelo lirismo triste e poético da história que conta o porquê da imagem da lebre na lua. Essas histórias curiosas têm o mérito de propor ao leitor imagens inusitadas sem apelar para soluções prontas ou para o lugar-comum.

**Área envolvida:** Língua Portuguesa.

**Tema transversal:** pluralidade cultural.

**Público-alvo:** 2º e 3º anos do Ensino Fundamental.

## PROPOSTAS DE ATIVIDADES

### Antes da leitura:

1. Revele aos alunos o título do livro: *De onde tudo surgiu e como tudo começou (tudo, tudo mesmo!)*. Deixe que o título desperte suposições a respeito do gênero e conteúdo da obra. Será que se trata de um livro de ciências? Ou um livro religioso? Será que é um livro de lendas? Será possível que um único livro contenha explicações para “tudo, tudo mesmo”? Abra espaço para que especulem o quanto quiserem.

2. Leia com a turma a apresentação das autoras. Quer dizer então que o que teremos aqui são explicações inventadas para diversos “comos” e “por quês” que desde sempre intrigam os humanos, e especialmente as crianças? Proponha que a classe, dividida em duplas, faça uma lista de ao menos cinco “comos” e “por quês” que sempre tiveram vontade de desvendar. A partir das listas criadas, construa uma única eliminando os itens repetidos ou elaborando uma só redação para as perguntas muito semelhantes.

3. Chame a atenção para o sumário do livro. A partir dele, é possível saber quais são os tais fatos intrigantes explicados pelas autoras nessa obra. Algumas das perguntas formuladas pela classe serão ali tratadas?

4. Proponha que seus alunos, ainda em duplas, escolham um dos itens do sumário (por exemplo: “o fedor do gambá”) e criem sua própria explicação inventada para o fato em questão.

5. Leia com eles a seção *As autoras*, na página 56, para que conheçam um pouco mais a respeito de Graça Abreu e Lia Zatz.

### Durante a leitura:

1. Estimule seus alunos a verificar se a explicação que criaram a respeito de um dos itens do sumário teria ou não algo em comum com a explicação inventada pelas autoras.

2. Chame atenção para palavras, expressões e frases que se repetem muitas vezes na mesma história (ex.: “Vossa Excelência, o majestoso, o magnífico, o esplendoroso rei tamanduá-bandeira”, no conto *A casa do caracol*) ou reaparecem em quase todas as histórias (ex.: “verdade, verdadeira, verdadeiríssima”). Se quiser, sugira a organização de uma lista.

3. Estimule as crianças a atentar para as delicadas ilustrações de Maria Wernicke, procurando reconhecer os personagens da história retratados em cada ilustração. Veja se percebem o jogo que a ilustradora faz com as dimensões dos personagens, como foge do realismo para, por meio do confronto de seres diminutos e grandes, evidenciar relações de poder, criar relações de proximidade e distância. Peça atenção especial às ilustrações que retratam animais conhecidos, mas com um aspecto diferente: a girafa de pescoço diminuto, o coelho de orelhas curtas.



## Depois da leitura:

1. Divida a turma em pequenos grupos e peça que cada um escolha a história do livro que mais os impressionou para recontá-la para a classe à sua maneira, sem o apoio do livro. Estimule-os a usar de toda a sua criatividade para que a história narrada seja o mais prazerosa possível para quem ouve – afinal, a classe toda já leu as histórias, portanto o que pode torná-las interessantes é o modo com que o grupo as conta. Incite-os a lançar mão dos mais diferentes recursos a fim de tornar sua narrativa mais interessante (sonoplastia, figurinos, objetos de cena etc.), dê-lhes um tempo para preparar a leitura e marque um dia de apresentação para a classe.

2. O “como” do surgimento do mundo, tema do primeiro conto, é uma questão fundamental que, desde os tempos primordiais, tem inquietado os homens. Não há religião ou mitologia de um povo que não narre, à sua maneira, a criação do mundo. Divida a classe em pequenos grupos e proponha que cada um pesquise o mito da origem do universo de um povo ou tradição diferente: um grupo fica responsável por pesquisar o mito de alguma tribo de índios brasileiros, outro o dos astecas, outro o dos egípcios, outro o dos babilônicos, outro ainda o dos gregos, o dos hindus, dos chineses e assim por diante. O importante é que cada equipe escolha uma tradição diversa. Combine um dia para que todos os mitos sejam ouvidos e contados e, a seguir, converse a respeito das semelhanças e diferenças entre eles.

3. Também a ciência ocidental tem feito exaustivos esforços para compreender o surgimento do universo: trata-se de uma questão por responder, problematizada por muitas teorias divergentes. Peça que seus alunos realizem uma pequena pesquisa a respeito dessas teorias, incluindo, é claro, aquela que é a mais difundida: a do *Big Bang*, que defende que o universo, a princípio não muito maior do que uma bola de tênis, começou a se expandir depois de uma grande explosão.

4. O conto *Como a lebre foi parar na lua* é um dos mais belos do livro. Na tradição budista, existe outra história, igualmente bela, que serve de explicação para o mesmo fato: Buda coloca na lua a imagem da lebre sábia que se dispôs a se lançar à fogueira para matar sua fome, enquanto ele se disfarçava de monge faminto. Um dos maiores autores japoneses de *mangá*, Ozamu Tezuka, utilizou-se da linguagem dos quadrinhos para recriar a saga de Buda. A história do encontro do santo com a lebre foi recontada por ele no primeiro volume da série: *Buda*, vol. 1 – *No reino de Kapilavatsu*. Selecione essa passagem da obra e leia-a com seus alunos, que, certamente, ficarão surpresos com o modo como se dá a leitura dos mangás: da direita para a esquerda. Em seguida, sugira uma comparação entre a narrativa budista e o conto de Lia Zatz e Graça Abreu.

5. A estrutura da história *Por que o caranguejo não tem cabeça* lembra muito a dos tradicionais contos acumulativos ou lenga-lengas, que se caracterizam pelo encadeamento sucessivo de uma sequência de falas ou de ações. A cada repetição se agrega mais um elemento, resultando, ao final,

numa longa enumeração. Explique aos alunos o que é uma lenga-lenga e escolha uma para ler para a classe (é possível encontrar no *link* <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/1637230> o conto *O Macaco e o Rabo*, recolhido por Silvio Romero; no *site* Jangada Brasil também estão disponíveis outros exemplos de textos do gênero, entre eles a divertida narrativa *A casa que Pedro fez*, disponível no *link* <http://www.jangadabrasil.com.br/outubro/ca21000a.htm>). Peça às crianças que procurem identificar quais as passagens do texto que se repetem, e quais aquelas que aparecem modificadas, a cada vez com uma informação a mais.

6. Existe uma bela lenda dos índios Ojibwe, uma das maiores tribos da América do Norte, que busca explicar o surgimento dos morcegos. Diz a lenda que, certo dia, o Sol ficou preso numa árvore, e desapareceu toda a luz existente na Terra. Para salvar o mundo, um pequeno esquilo roeu dia e noite os ramos da árvore até que o Sol pudesse tirar a Terra da escuridão. Ao encarar tão de perto a luz ofuscante do astro, porém, o pequeno animal se tornou cego. Como compensação, o Sol concedeu a ele o dom de voar, transformando-o no primeiro morcego. Leia o conto com seus alunos. É possível encontrá-lo no *link* <http://casadecha.wordpress.com/2009/08/19/como-o-morcego-veio-a-ser-o-que-e/>. Em seguida, proponha que eles, à maneira de María Wernicke, desenhem imagens para ilustrar a lenda.



## LEIA MAIS...

### 1. DAS MESMAS AUTORAS

- *Tarsila*, de Lia Zatz. São Paulo: Paulinas.
- *Bruxapeu*, de Lia Zatz. São Paulo: Callis.
- *João x Sultão*, de Lia Zatz. São Paulo: Quinteto Editorial.
- *Era uma vez uma bruxa*, de Lia Zatz e Rogério Borges. São Paulo: Moderna.
- *Dada: bordando o cangaço*, de Lia Zatz. São Paulo: Callis.

### 2. DO MESMO GÊNERO

- *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.
- *O livro da primeira vez*, de Otavio Frias Filho. São Paulo: Cosac Naify.
- *Agora eu era*, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- *Bichos que existem e bichos que não existem*, de Arthur Nestrovski. São Paulo: Cosac Naify.